

Rastros e Restos: relato de uma experiência

Sandra Maria Correia Fávero
Centro de Artes/ UDESC
Florianópolis/SC

Resumo

*Uma experiência prática provocativa. A transposição da ordem normal do cotidiano para a ordem do real numa ação instigante envolvendo o lixo como matéria. O lixo, nascido para morrer, sobreposto em camadas, aglomera-se, atrai pela repugnância que provoca. Sob o olhar do discente/artista torna-se objeto de desejo transformador – natureza morta. Tratado como 'ordinário' na cadeia de qualificações artísticas passou, nesta ação relatada, a ser oferecido como objeto de observação – reflexão – deslocamento – transformação – renascimento. Um grito de alerta dentro de um espaço impróprio para arte, no entanto, invadido por ela.
Palavras – chave: discente/artista - lixo – cotidiano – natureza morta*

Abstract

*A provocative practical experience. The transposition of the normal order of the daily one for the order of the Real in a instigante action involving the garbage as substance. The garbage been born to die, overlapping in layers, one joins, it attracts by the repugnance that it provokes. Under the look of the learning/artist becomes object of transforming desire – still life. Treated as 'usual' in the chain to artistic qualifications it passed, in this told action, to be offered as comment object - reflection - displacement - transformation - renaissance. A shout of alert inside of an improper space for art, however, invaded for it.
Key – words: learning/artist - garbage - daily – still life*

Rastros e Restos: relato de uma experiência

O mundo moderno é um mundo que contém um desejo e uma determinação: desafiar sua mêmété (como diria Paul Ricouer) – sua mesmidade. O desejo de se fazer diferente do que se é, de se refazer, e de continuar se refazendo. A condição moderna é estar em movimento. A opção é modernizar-se ou perecer. A história moderna tem sido, portanto, a história da produção de projetos e um museu de projetos tentados, usados, rejeitados e abandonados na guerra contínua de conquista e/ou desgaste que se trava contra a natureza¹.

Rastros e Restos foi o nome dado a um projeto que originou numa exposição contemporânea resultante de desdobramentos pensados a partir de uma proposta lançada para a Oficina Avançada Gravura e Sistemas Híbridos que é oferecida nos Cursos de Artes Plásticas – Licenciatura e Bacharelado – do CEART/ UDESC.

A oficina propõe ao discente, procedimentos em gravura na contemporaneidade através de expressões plásticas da imagem gravada valendo-se de sistemas híbridos.

A palavra 'LIXO' foi determinante para o estabelecimento de reflexões que tinham como objetivo: focalizar a poética dos alunos aguçando a percepção na produção estética através da construção, leitura e interpretação dos elementos rejeitados pela população da cidade no seu cotidiano, nas suas reais situações e conseqüências, nos efeitos de uma sociedade marcada pelo consumo, que vive o presente negligenciando o futuro.

Nos encaminhamos para uma visita guiada na Central de Coleta e Encaminhamento de Rejeitos da Ilha de Florianópolis, COMCAP, onde por muitos anos a área localizada em frente ao Cemitério do Itacorubi, foi destino final para toda a produção de lixo. Hoje, o local recebe o lixo da coleta seletiva e faz o transbordo dos caminhões que vem de todos os pontos da ilha para dali serem encaminhados a um aterro sanitário fora da cidade.

Ali encontramos um estímulo para a conscientização das conseqüências ambientais acarretadas pelos dejetos. O espaço oferecia-se à nós como possibilidade de contribuição para uma nova atitude, mais consciente e participativa. Um galpão imenso recheado de possibilidades, com objetos, esteiras de seleção, prensas de papel e metal que naquele momento se encontravam em desuso, carrinhos de mão recheados de garrafas, uma

infinidade de materiais. Um verdadeiro concentrado de matéria prima para a realização de projetos artísticos.

Ao olhar tudo aquilo percebemos que era possível buscar novos significados para o lixo, passar a vê-lo como um objeto de desejo transformador, um movimento, uma espécie de potencialização criativa. Agarrar-se a essa idéia foi uma chance como poucas, os alunos poderiam exercer ali uma experiência viva, agindo com uma situação que poderia fazer diferença no transcorrer da vida artística/acadêmica. Posso dizer um momento único.

Naquela visita surgiu a idéia de nos distanciarmos dos espaços institucionalizados destinados à arte para instituímos um novo modo de comunicação com o público tirando partido do próprio espaço da COMCAP para ali, salientarmos a problemática e realizarmos a proposta da nossa oficina.

Encontrar meios que pudessem instigar o público a questionamentos que o levassem a transpor a ordem do normal para o real; pensar na vida e na morte; passar pela exposição e ser tocado por ela; constituíram alguns dos nossos objetivos. Pensar nas inúmeras possibilidades que o 'lixo' oferece vai ao encontro de situações muitas vezes negadas pelas pessoas. A consciência dos nossos atos é refletida nos procedimentos adotados.

Zygmunt Bauman² diz “a separação e a destruição do refugio seriam o segredo comercial da criação moderna”. Afirma que Michelangelo teria proclamado o preceito que foi guia da criação moderna ao se referir a resposta dada sobre a beleza harmoniosa de suas esculturas, “É simples. É só você pegar um bloco de mármore e cortar os pedaços supérfluos”. Assim, ainda segundo Bauman, “o envoltório – o refugio do ato criativo – deve ser posto de lado, retalhado e removido para não atulhar o chão e restringir os movimentos do escultor. Não pode haver oficina artística sem uma pilha de lixo”.

As pilhas de lixo estavam lá infiltradas em parte da vida de inúmeras pessoas que trabalham no local, especialmente na vida de Valdinei Marques um ex-gari que passou a atuar como conscientizador dos problemas que o descaso com os rejeitos provoca. Um artista que instintivamente trabalha para formar um público mais responsável e informado, utilizando exatamente o retalho, o que atulha os chãos e restringe os movimentos da natureza para se

recompor. Criador do “Museu do Lixo”, dentro do espaço que tínhamos para montar a nossa exposição, foi um aliado para o nosso projeto.

Buscar nos trabalhos sustentação para desmembrar reflexões quanto ao processo e, principalmente, quanto a uma caracterização de toda produção, enquadrando-a nos parâmetros que contemplassem a gravura foi desafiador. Encarar todo aquele espaço totalmente despreparado para uma exposição, mas ao mesmo tempo, potencialmente carregado de possibilidades trouxe-nos muitos desafios. Discutir procedimentos artísticos contemporâneos dentro de um espaço incomum para a arte, que pudessem ir além de resultados plásticos e estéticos bem resolvidos, mas que levantassem questionamentos a respeito da vida contemporânea, não só no âmbito espacial como também no que se refere ao humano. Como lidar com um grupo de alunos que tinham que produzir a partir de uma proposta lançada, e, como acomodar momentos de insegurança diante do desafio.

Mas o “LIXO” estava ali, bastava tomá-lo nas mãos, segundo Bauman³ “um ingrediente indispensável como parte do processo criativo”. E ainda mais, conferindo

ao lixo um poder aterrorizante, verdadeiramente mágico, equivalente ao da ‘pedra filosofal’ do alquimista – o poder de realizar a maravilhosa transmutação da matéria inferior, sem significação e desprezível num objeto nobre, belo e precioso. Também faz do lixo a encarnação da ambivalência. O lixo é ao mesmo tempo divino e satânico. É a parteira de toda criação – e seu mais formidável obstáculo. O lixo é sublime: uma mistura singular de atração e repulsa que produz um composto, também singular, de terror e medo.

Rastro como diz Stéphane Huchet⁴ “é um dos conceitos com o qual toda crítica de arte é chamada a lidar quando se encontra perante traços que escondem sua origem. Para transformar o traço identificável em rastro, é preciso desalojar o objeto sua propriedade cotidiana e desconectá-lo de sua origem mundana. Nada menos do que isso para que o objeto adquira força de presença”.

Restos são as sobras, o que não se dá valor. Procuramos inverter o sentido. Transformar em valores.

Rastros e Restos foi o nome escolhido para o evento. A oficina, lugar onde se exerce um ofício, um lugar específico, um laboratório para ordenar a desordem dos nossos pensamentos estéticos diante das regras que se

estabeleceram a partir da decisão tomada. Um grupo de doze pessoas falando sobre o mesmo assunto, porém, abordando-o de diferentes maneiras, por diferentes meios, mas dentro da proposta de procedimentos em gravura na contemporaneidade através de expressões plásticas da imagem gravada valendo-se de sistemas híbridos.

Sem verba apropriada, com impressos doados pela COMCAP, fizemos cartazes e convites com apoio de algumas empresas. Oferecemos ao público naquele mês e meio, atividades paralelas ao espaço de oficinas, onde alunos puderam transmitir práticas de gravura com material alternativo para grupos de crianças de escolas agendadas; cerâmica num projeto denominado “Do prato ao Prato” coordenado pelo Prof. Dr. José Luiz Kinceler inserido dentro do nosso e que provocava a participação dos próprios membros da cooperativa de selecionadores de material rejeitado com alunos da nossa universidade e também do CEFET, numa ação de arte relacional.

Consideramos que um potencial transformador foi encontrado em Rastros e Restos. Lixo, acúmulo, sobreposição, poeira, o banal extraído do seu lugar de transbordo, o corpo como material de descarte incontrolável, a problematização do humano na sua ausência, a vaidade das vaidades, o ensinamento de humildade, as pegadas que vamos deixando pelo caminho, marcas que deixamos, mas que também absorvemos numa troca contínua. Todo o sólido desmanchando-se no ar.

Formas que comungaram com o cheiro da decomposição impregnado na atmosfera. Morbidez fascinante, *Vanitas Vanitatum*⁵, *Memento Mori*⁶. Dispositivos usados para repensar a atitude do jogar fora, um ajuste para focar as situações limite vividas hoje.

Todo o excesso seguindo os rastros deixados pela natureza morta delineada na história da arte. Deparamo-nos com muitas semelhanças, no entanto, atualizadas com os procedimentos contemporâneos. Elementos distantes daqueles utilizados numa criação artística formal, ao serem aplicados cresceram como potências catalisadoras de energias e passaram a caracterizar-se como natureza morta pelo empilhamento, pelos jogos de combinação e de sobreposição, pelos procedimentos de leitura de mundo, pela clarificação e transformação do nada, pelo ‘TRANSBORDAMENTO’. Apropriando-nos de uma frase de Jean Baudrillard⁷, “toda a insignificância do

mundo veio a ser transfigurada pela estética” do detrito. Olhares sobre a variedade de representações possíveis de restaurarem vínculos com o passado, num meio resistente e que se mantém a custo de jogos de vida ou de morte.

Revelando em fotografias o que é oferecido a cada um de nós, coisas que dão a impressão de terem sido abandonadas ao acaso, o perecível. O que se torna inválido. Como escreveu Monique Beneval, uma das integrantes da exposição, “somos tão perecíveis quanto o nosso lixo, somos tão descartáveis quanto ele. Repensar a atitude do jogar fora é fundamental para a completude do trabalho”.

Despertando memórias do que foi um dia e refletindo o que é e o que será em marcas gravadas no metal. Sem ter a pretensão de inovar, mas re-interpretando num exercício de humildade o trajeto dos urubus. Numa leitura de natureza morta que oferece diferentes situações onde uma instalação nos leva a um jardim de cacos de vidro e árvores de anéis de lata de bebidas ou a um jogo de amarelinha de *papier marche* recheado de “bitucas” de cigarro, flores e folhas secas. Um momento para: ouvir fragmentos de sons, palavras, ou ver vídeos e recostar-se em uma rede para desfrutar de um espaço inusitado; ver anjos da guarda voando em fotos ou flores prensadas sobre um velho lençol de algodão.

Um nascer para morrer logo em seguida, fetiches. Como tudo hoje. A efemeridade das coisas consagradas pelo consumo. O destino social reservado para cada objeto ou a cada ser humano. Todos colocados num mesmo espaço. Objetos incluídos que passaram a representar os cinco sentidos humanos formando associações entre vida, morte, tempo, valores materiais, conhecimento, curiosidades que registram os interesses da sociedade em que vivemos. Um espetáculo estranho como disse Baudrillard.

Ali, naquela exposição pode-se perceber o que somos e qual parte de culpa nos cabe.

Pensar Rastros e Restos possibilitou-nos uma descoberta: encarar toda aquela produção como arte de gênero, como procedimentos encontrados dentro do que é reconhecido como Natureza Morta⁸: “escala mais baixa dos gêneros de pintura por se ocuparem de vidas mais inferiores, ou simplesmente natureza inanimada”. Com um olhar mais sensível para o que a conceitua,

retirando-lhe o ranço preconceituoso de arte menor, identificando-a como forma de expressão fortemente arraigada em um percurso histórico, transgressora, sabedora de como renovar a cada novo ditame social e artístico, registrando percursos e instaurando a necessidade de permanência da sua linha condutora que aponta para além do normal.

Numa visão um tanto pessimista, paradoxalmente, também otimista, bastante pertinente para a visão de mundo que temos e vivemos, consideramos a experiência realizada uma conquista acadêmica pela força expressiva que gerou dentro de um contexto sempre muito voltado para situação artísticas padrão, ou seja, produção + espaço expositivo institucionalizado = arte contemporânea.

¹ BAUMAN, Zigmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p.34.

² Idem, p.31.

³ Ibidem, p.32.

⁴ HUCHET, Stéfane. *Fragmentos e Rastros*. Texto referente à exposição de Maria Carolina de Melo: Ciclos Misturados. Belo Horizonte: Galeria da EBA, 2003.

⁵ **Vanitas vanitatum!** Do latim: Vaidade de vaidades! No mundo tudo é vaidade. **Vanitas vanitatum, et omnia vanitas.** [Vulgata, Eclesiastes 1.2]. Vaidade de vaidades, e tudo é vaidade.

http://www.psleo.com.br/fr_lat_v1.htm

⁶ **Memento Mori** do latim significa "lembra-te que és mortal". http://pt.wikipedia.org/wiki/Memento_Mori

⁷ BAUDRILLARD, Jean. *A Arte da Desaparição*. Org. MACIEL, Kátia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ N-Imagem, 1997, p.73.

⁸ SCHNEIDER, Norbet. *Naturezas Mortas. Alemanha*. Köln: Benedikt Taschen Verlag GmbH, 1999, p. 7.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. *A Arte da Desaparição*. Org. MACIEL, Kátia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ N-Imagem, 1997.

BAUMAN, Zigmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

HUCHET, Stéfane. *Fragmentos e Rastros*. Texto referente à exposição de Maria Carolina de Melo: Ciclos Misturados. Belo Horizonte: Galeria da EBA, 2003.

SCHNEIDER, Norbet. *Naturezas Mortas. Alemanha*. Köln: Benedikt Taschen Verlag GmbH, 1999.

CURRÍCULO RESUMIDO

Sandra Maria Correia Favero

Natural de Curitiba

Formada em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes de Curitiba, 1979;
Mestrado pelo programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas da Universidade Federal de Santa Catarina, com a dissertação: Arte ou não: uma abordagem sobre os aspectos relacionados aos paradigmas estéticos da cidade de Florianópolis, 2003;
Professora de gravura no CEART / UDESC em Florianópolis, desde 1998;
Coordenadora do Projeto de Extensão Gravar Gravando Gravura, desde 2003.

Ficha de Submissão de Trabalhos – ANPAP 2007

Nome: SANDRA MARIA CORREIA FAVERO		
Categoria: Associado () Pesquisador não associado (X) Mestrando/Doutorando ()		
Endereço: RODOVIA GILSON DA COSTA XAVIER , 3660		
CEP: 88051 000	Cidade: FLORIANÓPOLIS	Estado: SC
Telefone: 3335 0055	Fax:	Celular:
E-mail: sandrafavero@gmail.com		
Instituição: UDESC		
Comitê ao qual o trabalho deve ser submetido: () História, Teoria e Crítica de Arte (CHTCA) () Linguagens Visuais (LV) (X) Ensino e Aprendizagem da Arte (EAA) () Curadoria (C) () Restauro, Conservação e Materiais (RCM)		